

O ENFRENTAMENTO DO CÂNCER: VIVÊNCIAS DE MULHERES NO TRATAMENTO DO CÂNCER DE MAMA

SILVA, Patricia Borges da¹; MISSIO, Lourdes².

¹. Estudante do Curso de Enfermagem da UEMS, Unidade Universitária de Dourados; E-mail: enfpatriciaborges@hotmail.com. Bolsista CNPq

². Orientadora. Professora Doutora do Curso de Enfermagem da UEMS, Unidade Universitária de Dourados; E-mail: lourdesmisso@uems.br

Área de conhecimento do CNPq: Saúde Coletiva

Resumo

O câncer é uma doença agressiva, atingindo não só fisicamente, mas também psicologicamente as pessoas. O câncer de mama é o segundo câncer mais frequente no mundo e o mais comum entre as mulheres. Aceitar e adaptar-se ao tratamento requer esforço que muitas vezes as pacientes não encontram-se preparadas. O presente trabalho tem por objetivo desvelar como se dá o enfrentamento do processo de tratamento do câncer de mama por mulheres atendidas no Hospital do Câncer em Dourados/MS. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, na qual foi utilizado como referencial teórico a fenomenologia. Foram realizadas nove entrevistas com mulheres que estão em tratamento do câncer de mama. Conforme as várias possibilidades de tratamento para o câncer de mama, a mulher pode manifestar diversos sentimentos frente à situação vivenciada, como susto, medo, tristeza e ou desespero. Cada mulher vivencia essa experiência de modo individualizado, acerca de seu diagnóstico e dos aspectos psicossociais presentes nesse processo, estabelecendo assim novos propósitos na vida. O apoio e o suporte encontrado na família, nos amigos e na religião são fundamentais para este enfrentamento. Para que a equipe de saúde possa prestar uma assistência em uma abordagem mais humanizada é necessário que conheça e compreenda as representações deste momento na vida das mulheres.

Palavras-Chave: Saúde da Mulher. Câncer de Mama. Fenomenologia.

Introdução

O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais frequente e o mais comum entre as mulheres, tanto no Brasil como também no mundo. No ano de 2010 foram previstos no Brasil, 49.240 casos novos de câncer de mama, tendo um risco estimado de

49 casos para cada 100 mil mulheres. A estimativa para o estado do Mato Grosso do Sul para esse mesmo ano era de 550 novos casos (BRASIL, 2009).

Diante das várias possibilidades de tratamento para o câncer de mama, a mulher pode manifestar diversos sentimentos frente à situação vivenciada, prevendo um tratamento longo que atingirá não apenas o seu estado físico, mas também o emocional.

Cada mulher vivencia essa experiência de modo individualizado, acerca de seu diagnóstico e dos aspectos psicossociais presentes nesse processo, estabelecendo assim, novos propósitos na vida que são resultados dos ajustamentos psicossociais trazidos em virtude da situação causada pela doença (RAMOS; LUSTOSA, 2009).

O presente estudo tem como objetivo geral desvelar como se dá o enfrentamento do processo de tratamento do câncer de mama por mulheres em um hospital de referência. Como objetivos específicos procurou-se conhecer os sentimentos mais comuns apresentados pelas mulheres com câncer de mama durante o tratamento, compreender as mudanças comportamentais e como ocorre o enfrentamento das mulheres com câncer de mama.

Material e Métodos

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. A pesquisa qualitativa oferece a possibilidade de captar a maneira pela qual os indivíduos pensam e reagem frente às questões focalizadas (MERIGHI, 2003). Assim, foi utilizada neste estudo para compreender os sentimentos vivenciados por mulheres que enfrentam o tratamento de câncer de mama.

Os sujeitos da pesquisa foram as mulheres que possuem idade igual ou maior a 18 anos, que estão em tratamento de câncer de mama no Hospital de Câncer de Dourados-MS, e que aceitaram a participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como critério de exclusão, suprimimos da pesquisa aquelas que possuíam idade menor que 18 anos e mulheres indígenas.

Estabelecemos a amostragem por conveniência, visto que foi a direção de Enfermagem do Hospital que forneceu o contato das pacientes. Obtivemos a indicação de doze mulheres para participar do estudo. Inicialmente realizamos a primeira abordagem via contato telefônico. Destas, três pacientes se recusaram a participar do estudo, alegando que o diagnóstico era muito recente em suas vidas, e falar sobre o enfrentamento seria doloroso, e talvez com o passar do tempo pudessem se sentir

melhor para uma conversa. Entretanto, houve uma segunda tentativa com estas pacientes, porém, também sem êxito.

Assim, foram entrevistadas nove mulheres que aceitaram participar do estudo. As entrevistas foram realizadas no domicílio destas, pois a grande dificuldade encontrada durante a coleta dos dados foi que o Hospital não possuía uma estrutura física adequada para que as entrevistas pudessem ser realizadas na instituição. Assim, realizamos seis entrevistas em Dourados e três em outras cidades como Fátima do Sul, Ivinhema, Rio Brilhante.

Utilizamos entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas com a anuência das mulheres, e após transcritas na íntegra para posteriormente serem analisadas.

Para fundamentar a análise empregamos o referencial da fenomenologia, abordado por Alfred Schutz. Acreditamos que este método foi adequado neste tipo de pesquisa, pois as respostas foram dadas por pessoas que vivenciaram o fenômeno, isto é, foram pessoas que os experienciaram. Segundo Merighi (2003, p. 31), a fenomenologia “procura interrogar a experiência vivida e o significado que o sujeito lhe atribui, ou seja, procurando não priorizar o objeto e/ou sujeito, mas centrando-se na relação sujeito-objeto-mundo”.

Para Forgerini (2010), o primeiro instante da trajetória da pesquisa fenomenológica para entender o significado das vivências, consistirá na descrição, ou seja, o entrevistado relata verbalmente para o entrevistador os elementos estruturais do fenômeno a ser desvelado.

Nesta forma de pesquisa o sujeito não pode sentir-se avaliado e o seu discurso é a chave para a compreensão das situações investigadas, permitindo desta forma, que o investigador penetre em seu mundo (VALLE; CARVALHO, 2002).

O olhar fenomenológico faz com o que o grupo compreenda o fenômeno em que o outro está situado, em toda a sua totalidade de vida, de maneira dinâmica e não simplesmente num pronto e acabado, mas sim, num vasto horizonte de possibilidades e escolhas.

A pesquisa atendeu aos preceitos Éticos, sendo aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob o protocolo número 1847.

Resultados e Discussão

As mulheres com câncer de mama entrevistadas estão na faixa etária entre 34 a 59 anos de idade. Das nove mulheres, oito são casadas e uma é divorciada. Três são

católicas e seis protestantes. Em relação a escolarização três têm Ensino Fundamental Incompleto, quatro Ensino Fundamental Completo e duas Ensino Médio. Todas possuem filhos, sendo que seis entrevistadas engravidaram a primeira vez antes dos 20 anos de idade, e três após os 21 anos. Em relação à menarca seis pacientes relataram este fato antes dos 13 anos de idade e três antes dos 15 anos. Apenas três elencaram que possuem histórico familiar de câncer de mama, sendo no primeiro grau de parentesco.

As mulheres foram questionadas sobre o adoecimento e sua vivência até chegar ao tratamento e iniciaram a entrevista relatando quais foram os primeiros sinais de que algo anormal acontecia em seu corpo. Algumas falas apontam: *“Eu deitei um dia e senti o caroçinho debaixo das axilas doer, passei a mão e disse: Ah! não ta errado esse negócio, tem um caroçinho aqui (E01)”*. *“Foi no banho, aí, eu me apalpando, que eu descobri que tinha um caroço. Até foi três dias antes do meu aniversário (E02)”*. *“Eu estava amamentando minha filha, quando ela rejeitou o peito, ela estava em torno de uns sete meses mais ou menos, daí eu achei que fosse o leite empedrado (E03)”*.

Ao detectar de que há alguma anormalidade na mama, a mulher vivência o episódio com duas alternativas contrastantes: o nódulo encontrado pode não ser nada grave ou pode significar um câncer (FORGERINI, 2010). Com o passar do tempo e com o diagnóstico confirmado, as reações e os sentimentos desse momento são vários desde um susto, tristeza e ou desespero como mencionaram: *“Quando o médico passou a notícia pra mim, eu não chorei. No momento não chorei, eu só fiquei, a mão gelou, (...) não conseguia chorar. Assim, acho que não pelo fato de estar com o problema do câncer, mas, pela maneira como o médico me passou. Que eu teria que tirar a mama. Isso me assustou demais (E03)”*. *“Foi à parte mais difícil pra mim, como se tirasse um tapete. Aí eu me desesperei, não no momento, mas quando cheguei no carro bateu aquele desespero, e depois pra mim falar pros meus filhos o que estava acontecendo, foram as partes mais difícil (E02)”*. *“Eu fiquei em estado de choque, não chorei ali na hora, de jeito nenhum. Eu tremia, tremia, não conseguia falar nada (E04)”*. *“[...] fiquei assim sabe sem reação, mais ou menos tipo assim, como vou dizer pra você, anestesiada (E05)”*

Na maioria dos casos para o enfrentamento, as pacientes relatam que receberam um forte apoio estrutural por parte da família, dos amigos e na religião. Mesmo recebendo essa força, os sentimentos durante o tratamento ainda são vivenciados intensamente como relatam: *“A gente tem que entregar nas mãos de Deus e confiar que vamos vencer”*. *[...] peço muito a Deus que nos próximos exames já vai ta mostrando,*

né, que ta curada mesmo [...] (E02)”. “Hoje eu estou bem psicologicamente [...] estou bem, no emocional também. Da minha família, do meu esposo, quer dizer, no início eu não tive muito apoio emocional do meu esposo, porque, ele vivia chorando. Tinha vezes que ele não queria sair de casa, queria ficar só trancado, e às vezes eu tinha que dar força pra ele (E03)”. “Na verdade, pra mim vou fazer a cirurgia, mas acredito que já to curada, já, como diz, que eu já não tenho mais essa doença (E04)”. “Eu creio assim que eu estou curada, e que eu só tenho que terminar, que eu acho que essa fase é a pior, que é a da quimio (E05)”.

O estabelecimento de saúde escolhido para que o tratamento fosse realizado é o Hospital do Câncer de Dourados. Um dos maiores motivos da escolha é a proximidade que as pacientes teriam com suas famílias. A necessidade de internação em outra cidade para a realização do tratamento seria um momento muito difícil, pois além de enfrentarem o deslocamento e as dificuldades financeiras, sentiriam a falta da família. Essas dificuldades no acompanhamento para o tratamento do câncer também foram apontadas em estudos realizados por Forgerini (2010). Algumas falas das mulheres entrevistadas elencaram para este fato: *“A opção que eu tinha de escolha era entre Dourados e Campo Grande pra fazer o tratamento, aí eu optei por Dourados porque minha filha já mora aqui (E02)”. “Eu escolhi aqui em Dourados pro tratamento, porque se fosse pra mim sair pra fora, eu tenho minha filha, ela tem dois anos, ela depende de mim né! (E03)”.*

Mulheres com câncer de mama são duramente atingidas fisicamente, socialmente e psicologicamente, tanto pelo acometimento da doença como pelo tratamento aplicado. Aceitar e adaptar-se para a nova imagem corporal exigem das mulheres um esforço imenso e muitas das vezes não se encontram preparadas, mas precisam enfrentar.

Conclusão

O câncer traz um estigma muito forte na vida de muitas pessoas, pois os mesmos o associam com as deformações, perda de uma parte do corpo e até a morte. O câncer de mama acomete uma parte do corpo que é muito valorizado pela mulher. Não se pode dissociar o corpo da mente, ou seja, a paciente além de enfrentar a dor física, o seu lado psicológico também é abalado. Então, é necessário compreender as representações e as vivências que as mulheres acometidas com a neoplasia mamária enfrentam diante da

doença. Neste sentido, a expressão de sentimentos, experiências e as expectativas das pacientes sobre o tratamento do câncer são de extrema importância.

Os profissionais de enfermagem que lidam com o câncer, e entre eles o câncer de mama, devem estar preparados para apoiar as pacientes e as famílias diante de uma ampla gama de crises físicas, emocionais, sociais, culturais e espirituais, ou seja, os profissionais devem saber compreender as representações desse momento na vida das mulheres.

O referencial da fenomenologia foi muito importante neste estudo com as pacientes que estão em enfrentamento do câncer de mama, pois mostrou que, cada uma pode apresentar os mais variados sentimentos durante o tratamento. Portanto, nos leva a repensar no conceito de conhecimento e de saber olhar a outra pessoa, acolhendo-a, sem julgá-la, com suas percepções, sentimentos, medos e modos de ser.

Agradecimentos

Agradeço a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao CNPq, que por meio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica, concedeu-me a bolsa de pesquisa para a consolidação do projeto. Também quero agradecer à UEMS e a todas as pessoas que colaboraram e enriqueceram meus saberes. Realizar este estudo acrescentou-me novas expectativas sobre o tema.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **Estimativa 2010: Incidência de Câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2009.

FORGERINI, M. 2010. **Sobreviver ao câncer de mama: vivências de mulheres fora de tratamento e o fenômeno da resiliência**. Tese (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, 209f.

MERIGHI, M. A. B. Fenomenologia. In: MERIGHI, M. A. B.; PRAÇA, N. S. **Abordagens Teórico- Metodológicas Qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p.31-38.

RAMOS, B. F.; LUSTOSA, M. A. Câncer de mama feminino e psicologia. **Revista Brasileira de Pesquisa Histórica**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 85-97, jun. 2009.

VALLE, E. R. M.; CARVALHO, M. D. B. A pesquisa fenomenológica e a enfermagem. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v. 24, n. 3, p. 843-847, maio. 2002.